

S
UFRJ/IEI
TD46

043283-0

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Instituto de Economia Industrial



TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 46
CAPITAL FINANCEIRO, DEMANDA
EFETIVA E CAUSAS DA CRISE

Jonas Zoninsein

Fevereiro, 1984

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA INDUSTRIAL



CAPITAL FINANCEIRO, DEMANDA EFETIVA
E CAUSAS DA CRISE

Jonas Zoninsein
Fevereiro, 1984



43 - 016379

CAPITAL FINANCEIRO, DEMANDA EFETIVA E CAUSAS DA CRISE

Jonas Zoninsein

I. Introdução

Rudolf Hilferding dá o título de "Capital Financeiro e Crises" à parte IV (Caps. 16 a 20) da sua obra mais conhecida.¹ A teoria da crise então apresentada contém duas concepções contraditórias sobre a necessidade e as causas das crises gerais de superprodução e dos colapsos periódicos da economia capitalista. Uma destas concepções tem por base a ocorrência de distúrbios autônomos na circulação ou reprodução do capital como um todo, os quais se traduzem em excesso de investimento, desproporções setoriais e problemas generalizados de realização. Esta concepção é a mais divulgada, sendo geralmente conhecida como a teoria de Hilferding sobre as causas da crise.² A outra concepção parte da queda da taxa de lucro provocada pelo progresso técnico e pelo aumento da composição orgânica do capital. Nesta concepção, as desproporções somente se afirmam na e através da concorrência entre capitais, uma vez que as tendências na direção da queda da taxa de lucro passaram a prevalecer sobre as tendências à elevação de preços e da massa de lucros como resultado da demanda crescente, ao final da

(1) R. Hilferding (1981)

(2) Ver, por exemplo, Sweezy (1976) pp. 186-192, Mandel (1968) pp. 366-368, Rosdolsky (1977) pp. 483-490 e Mattick (1977) pp. 125-128.

INVENTARIADO

22/09/86

FEA - UFRJ
BIBLIOTECA
Data: 26/09/84
Nº Registro: F 043283-0
NS 97643

5
VERJHEI
FD 46

FICHA CATALOGRÁFICA

Zoninsein, Jonas

Capital financeiro, demanda efetiva e causas da crise /por/ Jonas Zoninsein.

-- Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia Industrial, 1983.

25 p. -- (Texto para discussão, n.46)

etapa de auge do ciclo econômico³.

Este texto busca apresentar e contribuir para a interpretação desta ambivalência no pensamento de Hilferding. Apesar do seu caráter abstrato, a atualidade e relevância desta questão é inegável. A teoria da crise de superprodução, em que pese o enorme esforço analítico realizado nos anos recentes, continua a se debater num labirinto de idéias no qual se reproduzem facilmente posições unilaterais.

Esta ambivalência do autor reflete o seu tratamento precário e pouco desenvolvido das leis de acumulação do capital. Sob o peso e a pressão das evidências históricas do capitalismo retardatário na Alemanha - assim como do seu brilhante esforço analítico de incorporar estas evidências ao tratamento teórico ainda incompleto apresentado no Vol. III de O Capital de K. Marx - Hilferding deixa-se levar por um tipo de inversão conceitual bastante comum. Na discussão das causas da crise isto se manifesta no tratamento metodológico equivocado dos fenômenos da circulação.. Na

(3) Esta concepção é sugerida por Baran e Sweezy na introdução ao seu livro sobre o capitalismo monopolista: "Engels in some of his own writings after Marx's death and in editorial additions to the second and third volumes of Capital which he prepared for the printer, commented on the rapid growth of monopolies during the 1880's and 1890's, but he did not try to incorporate monopoly into the body of Marxian economic theory. The first todo this was Rudolf Hilferding in his important work, Das Finanzkapital, published in 1910. But for all his emphasis on monopoly, Hilferding did not treat it as a qualitatively new element in the capitalist economy; rather he saw it as effecting essentially quantitative modifications of the basic Marx's laws of capitalism" (Baran and Sweezy, 1966, p.5). Igualmente as idéias de Marx sobre as proporções necessárias no processo de reprodução do capital como um todo, especialmente aquelas expostas no item 14 do cap. XVII "Ricardo's theory of accumulation and a critique of it (The very nature of capital leads do crises)" da Parte II das Theories of Surplus-Value (Marx, 1968) sobre "an over-production within the over-production", contém indicações valiosas sobre esta outra concepção. Finalmente, o próprio texto de Hilferding é claro a este respeito, como veremos a seguir.

primeira concepção, Hilferding atribui a estes fenômenos precedência, na hierarquia de conceitos, sobre as contradições inerentes ao processo de valorização do capital, e então as desproporções causam as crises. Na outra concepção, Hilferding pretende, de maneira alternativa, um tipo de articulação inexistente entre as desproporções e a queda da taxa de lucro. Aqui o procedimento é mais sutil, e as desproporções aparecem como uma instância sem a qual as contradições inerentes ao processo de valorização do capital não poderiam se manifestar.

2. As desproporções como causa da crise

A primeira concepção acima assinalada começa a ser delineada já no capítulo 16 ("As condições gerais da crise") no qual Hilferding discute as contradições do capitalismo inerentes à circulação das mercadorias, do dinheiro e do capital, assim como de parte central das questões relacionadas ao que hoje se reconhece sob o nome de princípio da demanda efetiva⁴. No último parágrafo deste capítulo, encontra-se a afirmação de que os esquemas de reprodução formulados por Marx no Vol. II do Capital demonstram "that in capitalist production, both simple reproduction and expanded reproduction can proceed without interruption as long as these proportions are maintained"⁵. Com esta afirmação, Hilferding está, na realidade, sugerindo que a proporcionalidade entre os vários setores e ramos da produção constitui-se na única condição para que o processo de reprodução do capital se realize sem distúrbios⁶. Esta concepção é então desenvolvida no decorrer do capítulo

(4) Ver Kenway (1980), onde se traça um paralelo entre a teoria de Marx sobre a possibilidade abstrata da crise e o princípio da demanda efetiva em Keynes e Kalecki.

(5) Hilferding (1981), p.256.

(6) Ver Rosdolsky (1977), p.483

tulo 17, que trata das causas da crise. Hilferding argumenta em en tão (p.257) que a responsabilidade pela manutenção das "complicadas relações de proporcionalidade" que devem existir na produção, dados a divisão social do trabalho e o caráter privado e descentralização das decisões com respeito à produção, repousa no mecanismo de pre ços. Este mecanismo, operando através das alterações na estrutura de preços relativos, determina a expansão ou contração da produ ção em cada setor ou ramo, o início de uma nova linha de produção etc., enfim, a distribuição da produção. Portanto, sustenta Hilferding, o despedaçamento das relações de proporcionalidade deve ser explicado pelo despedaçamento ou distorção na estrutura dos preços, que impede os mesmos de dar uma indicação apropriada dos requisitos setoriais da produção agregada. Após uma breve descrição da forma em que opera o ciclo industrial ou de negócios, Hilferding torna ainda mais específica a sua concepção sobre a operação deste mecanismo de preços (p.261):

"This much at least is clear: if price rises during prosperity were general and uniform they would remain purely nominal. If the prices of all commodities were to raise by 10 per cent or 100 per cent, their exchange relationship would remain unchanged. The rise in prices would then have no effect upon production; there would be no redistribution of capital among the various branches of production and no change in the proportional relations. If production is carried on in the proper proportions... these relations need not change and no disruption need occur. It is different, however, if the character of price changes is such as to exclude uniformity. The changed price structure may then bring about changes in the proportional relations among the various branches of production; for the changes in prices and profits crucially affect the allocation of capital among these different branches"⁷.

(7) Hilferding (1981), cap.17, p.261.

Hilferding discute, então, em seguida (pp.261-266), os fatores que impedem os preços de variar uniformemente, provocando como consequência as desproporções setoriais (superprodução relativa) e as crises. Quatro fatores são apontados como estando na origem dos distúrbios no mecanismo circulatório do capital, quando considerado como um todo: i) a diversidade na composição orgânica do capital entre os vários setores; ii) a descontinuidade técnica na oferta de matérias primas; iii) o esgotamento das reservas de capital-dinheiro e de equipamento de capital nos momentos do auge prévios à crise e iv) as alterações nas proporções entre despesas de consumo e investimento.

Em relação ao primeiro fator, Hilferding assinala que o crescimento da composição orgânica do capital que acompanha o desenvolvimento da acumulação de capital se manifesta de maneira diferenciada nos diversos setores e ramos da atividade produtiva. Este processo se traduz, por sua vez, num alongamento diferenciado por setor e ramo dos prazos de maturação dos novos investimentos e, portanto, do tempo requerido para expandir a produção. Quanto maior o tempo requerido para instalar uma nova planta produtiva, mais difícil se torna adaptar a capacidade de oferta às necessidades crescentes do consumo pessoal e produtivo; e quanto mais a capacidade de oferta se torna defasada em relação à demanda, mais fortemente os preços crescem, aumentando relativamente a pressão por transferir capitais para estas atividades da maior composição orgânica. Este estímulo a ampliar os investimentos nestas atividades é, por sua vez, reforçado pelo efeito do aumento da composição orgânica do capital em termos de aumento da produtividade, de redução de custos e de geração de lucro extra. Assim, como resultado

do crescimento diferencial da taxa de lucro, derivado basicamente da defasagem diferencial de resposta da oferta, os novos fluxos de capital dão preferência aos setores com maior composição orgânica do capital. Isto produz então uma tendência ao excesso de investimento e à superprodução naqueles setores com maior composição orgânica relativamente a aqueles com menor composição. A desproporção se manifesta quando os produtos dos primeiros setores atingem o mercado, uma vez que a venda destes novos produtos é obstaculizada porque a produção naqueles setores com uma menor composição orgânica não cresceu à mesma velocidade. Como resultado, a própria crise de superprodução será mais severa nos setores com maior composição orgânica do capital.

Um segundo fator do movimento distorcido e distorcivo da estrutura dos preços relativos está presente na produção de matérias primas (atividades extrativas e agricultura) e, eventualmente, também insumos de consumo generalizado (aço, energia). Dadas suas características técnicas, a oferta destes produtos fica impedida de acompanhar de maneira fluida e suave a demanda pelos mesmos, e assim grandes alterações ocorrem em seus preços. Quanto maior a superprodução relativa de equipamento de capital, maior a subprodução relativa de matérias primas e mais pronunciado o aumento de preços nestas últimas atividades. Estes movimentos dos preços relativos também estariam na origem do crescimento diferencial das taxas de lucro e, portanto, das desproporções e das crises.

Além disso, as "complicadas relações de proporcionalidade" tendem a dilacerar-se por uma outra razão, a saber, a perda da flexibilidade no processo contínuo de ajustamento entre as partes

do aparelho produtivo. Esta perda resulta da redução das reservas de capital-dinheiro (modernamente, potencial de criação de crédito) e de equipamento de capital, que tende a se manifestar ao final da etapa de auge do ciclo econômico. A disponibilidade de capital-dinheiro (ou, alternativamente, de folgas na capacidade de oferta do sistema de crédito) e de equipamento de capital constitui um elemento que dá elasticidade ao processo de recriação contínua das condições de reprodução do capital a nível agregado. A redução das reservas se torna absoluta às vésperas da crise e se manifesta na esfera financeira (os capitalistas se tornam incapazes de honrar seus compromissos) e/ou produtiva (os meios materiais da produção não estão disponíveis no mercado). Nos capítulos 18 ("As condições de crédito no curso do ciclo econômico") e 19 ("O capital-dinheiro e o capital produtivo durante a depressão"), Hilferding apresenta uma detalhada discussão sobre estes pontos, que, entretanto, não são do nosso interesse imediato aqui.

Finalmente, Hilferding chama a atenção para as alterações nas relações de proporcionalidade entre o consumo e o investimento, as quais também fariam parte deste quadro inibidor da continuidade da reprodução do capital como um todo.

No capítulo 20, intitulado "Mudanças no caráter das crises - Cartéis e crises", Hilferding apresenta uma extensão à teoria das desproporções como causa das crises. A questão que se coloca então é se o surgimento dos monopólios e das grandes modificações derivadas na organização industrial - através do seu efeito suspensivo sobre a livre concorrência - seria de molde a produzir mudanças qualitativas no funcionamento do ciclo econômico e

do caráter das crises. De acordo com Hilferding,

"Cartels do not diminish, but exacerbate, the disturbances in the regulation of prices which lead ultimately to disproportionalities ... The effect of cartels is to end competition within a given branch of production, or more precisely, to make it latent, so that it does not exert a downward pressure on prices in that branch of production; and second, to establish competition among the cartelized sectors on the basis of a higher rate of profit than that which prevails in the non-cartelized industries. But cartels are powerless to alter the competition among capitals for spheres of investment, or the effects of accumulation on the price structure, and they cannot, therefore, prevent the emergence of disproportional relations"⁸.

Hilferding está apontando aqui para um segundo mecanismo produtor do padrão diferencial de taxas de lucro. O mecanismo inicial era o padrão de resposta desigual nas variações da capacidade de oferta, derivado principalmente do crescimento desigual da composição orgânica do capital. Neste segundo mecanismo, presumo que o grau de cartelização está correlacionado com o nível da composição orgânica do capital, o aumento diferencial da lucratividade resulta de que, em adição ao problema da defasagem na oferta, existe uma regulação artificial das condições da oferta, através da restrição quantitativa da mesma, designada a aumentar a lucratividade acima da taxa competitiva.

Finalmente, Hilferding assinala que o desenvolvimento dos cartéis tende a modificar os efeitos da crise, na medida em que permite desviar os piores efeitos da crise para as indústrias não cartelizadas.

(8) Hilferding (1981), cap.20, p.296.

3. A tendência ao declínio da taxa de lucro e as desproporções como manifestação da crise

No terceiro parágrafo do capítulo 17, Hilferding introduz abruptamente sua outra concepção sobre as causas da crise:

"As we already know, the organic composition of capital changes. For technological reasons, constant capital increases more rapidly than does variable capital, fixed capital than circulating capital. The relative reduction of the variable component of capital results in a fall in the rate of profit. A crisis involves a slump in sales. In capitalist society this presupposes a cessation of new capital investment, which in turn presupposes a fall in the rate of profit. A crisis is simply the point at which the rate of profit begins to fall"⁹ (p.257).

Hilferding prossegue então com um exame das condições de operação do ciclo econômico, perguntando-se de que maneira ocorre a mudança, a transição entre o estado de intensa e febril atividade, elevados lucros e acumulação acelerada, para outro estado, de desesperança e desespero, com a queda nas vendas, lucros cadentes e difundida ociosidade do equipamento de capital. O autor argumenta então que as mesmas condições que inicialmente produzem e reforçam a prosperidade contêm dentro de si as potencialidades que gradualmente tornam mais difíceis as condições de valorização do capital, até que finalmente um ponto é alcançado onde cessam os novos investimentos de capital.

"As we already know, however, technical improvements are expressed in a higher organic composition of capital, and this involves a decline in the rate of profit, a deterioration of the conditions for the valorization of capital. The rate of profit declines for two reasons: first, because the variable capital diminishes as a proportion of total capital, so that the same rate of surplus represents a lower rate of profit; and second,

(9) Hilferding (1981, cap.17, p.257.

because the larger the amount of fixed capital in relation to circulating capital the longer is the turnover period for capital, and this too involves a decline in the rate of profit"¹⁰ (p.260).

Em seguida, e após mencionar rapidamente o comportamento ascendente dos salários e da taxa de juros na etapa de prosperidade, Hilferding faz uma súbita passagem para a discussão sobre as "complicadas relações de proporcionalidade" e sua relação com a crise.

"A crisis begins at the moment when the tendencies toward a falling rate of profit, described above, prevail over the tendencies which have brought about increases in prices and profits, as a result of rising demand. Two questions suggest themselves at this point. First, how do these tendencies, which presage the end of prosperity, assert themselves in and through capitalist competition? Second, why does this occur in the form of a crisis, suddenly rather than gradually? The latter question is less important, for it is the alternation of prosperity into depression which is crucial for the wave like character of the business cycle, and the suddenness of the change is a secondary matter".¹¹ (p.261).

Constatamos nestes trechos que Hilferding também concebe a lei da tendência do declínio da taxa de lucro como o princípio causador das crises de superprodução. Sua explicação dos movimentos da taxa de lucro e da demanda agregada é, entretanto, pouco desenvolvida e imprecisa. Apesar de mencionado sucessivamente como fator da queda da taxa de lucro, o aumento da composição orgânica do capital não atua no plano mais específico dentro do cenário apresentado da acumulação de capital no qual se produz a queda da taxa de lucro. As passagens em que Hilferding afirma, ao contrário de Marx, que a crise é o ponto no qual a taxa de lucro começa a cair (p.257), sua falta de conceituação do ponto onde novos investimentos cessam (pp.260 e 261) e sua afirmação vaga de que o efeito do aumento da composição orgânica do capital sobre a taxa de lucro

(10) Hilferding (1981), cap.17, p.260.

(11) Hilferding (1981), cap.17, p.261.

manifesta no longo prazo, são exemplos da precariedade da análise que fundamenta esta sua outra concepção das causas da crise¹². Além disso, o próprio mecanismo que determina o aumento da composição orgânica do capital - se é a luta pela produção do valor excedente ou a luta entre capitais pela distribuição e apropriação do valor excedente - a maneira em que estes dois aspectos devem relacionar-se às condições de introdução do progresso técnico a nível do capitalista individual, entre outros aspectos, não são mencionados.

Como vimos, Hilferding também assinala explicitamente que seu interesse maior no restante do capítulo 17 (depois das breves passagens aqui citadas em que examina o movimento da taxa de lucro) é analisar como as tendências na direção da queda da taxa de lucro "se afirmam na e através da concorrência entre capitais". No parágrafo seguinte a esta indagação, ainda na p.261, Hilferding retoma a discussão sobre as complicadas relações de proporcionalidade", a qual continua até o final do capítulo 17. Trata-se aqui justamente do parágrafo em que torna mais específica sua concepção sobre a operação do mecanismo de preços, citada anteriormente

(12) Segundo Marx (1975), o ponto onde o fluxo de investimentos entra em colapso é aquele no qual a superprodução do capital se torna absoluta e o crescimento do capital iguala zero. "The so-called plethora of capital always applies essentially to plethora of the capital for which the fall in the rate of profit is not compensated through the mass of profit... There would be absolute over-production of capital as soon as additional capital for purposes of capitalist production = 0... at a point, therefore, when the increased capital produced just as much or even less surplus-value than it did before its increase... i.e. the increased capital $C + \Delta C$ would produce no more, or even less, profit than capital C before its expansion by ΔC ... The fall in the rate of profit would then be accompanied by an absolute decrease in the mass of profit..." Capital, Vol.III, cap.XV.

("This much at least is clear: if price rises...") e que apresentamos também como parte da primeira concepção anteriormente citada sobre as causas da crise (pp.261-266).

4. Crises gerais e crises parciais. Superprodução absoluta e superprodução relativa

Verificamos, assim, que existe uma dupla concepção em O Capital Financeiro sobre as causas das crises periódicas de superprodução. Num determinado momento, estas crises surgem provocadas dentro de um certo campo de forças contraditórias (progresso técnico, aumento da composição orgânica do capital, aumento da produtividade, aumento da massa de valor excedente e queda da taxa de lucro). Noutra momento, as crises são o resultado de condições localizadas somente na esfera da circulação do capital (valor, valor de uso, dinheiro, preços, taxas de lucro, proporções na reprodução agregada). No que se segue, busca-se esclarecer as raízes desta dupla e contraditória concepção.

No seu tratamento das crises, Hilferding confunde duas temáticas heterogêneas e embaralha as análises relativas a diferentes níveis de abstração. Isto o impede de diferenciar o que são crises gerais, ou crises de superprodução absoluta, das crises parciais ou de superprodução relativa e, conseqüentemente, de articular de maneira correta estes dois movimentos do processo de acumulação de capital.

Dentro da concepção crítica da economia política que Hilferding busca desenvolver, a crise não pode ser encarada como

um afastamento do equilíbrio. Ao invés, a crise é o próprio mecanismo equilibrador, o único mecanismo através do qual o equilíbrio pode ser alcançado na produção capitalista. Isto implica que entender as crises é estudar a dinâmica do sistema, dado que as crises são a forma dominante deste movimento.¹³ De acordo com esta concepção crítica existem, entretanto, dois tipos distintos de movimentos regulatórios (ao invés de posições de equilíbrio!).¹⁴ Em primeiro lugar, está o processo pelo qual os preços de mercado das mercadorias individuais são regulados pelos preços de (re)produção¹⁵, no qual a oferta e a demanda interagem e a concorrência entre capitais opera reduzindo as diferentes taxas de lucro à taxa média. Não é demais insistir aqui, que estes movimentos implicam um processo de regulação através do desequilíbrio constante e de superprodução relativa, no qual os preços de (re)produção atuam como centro de gravidade dos preços de mercado. Tal como Marx já observara,

"... there would be no over-production, if demand and supply corresponded to each other, if the capital were distributed in such proportions in all spheres of production, that the production of one article involved the consumption of the other, and thus its own consumption. There would be no over-production, if there were no over-production. Since, however, capitalist production can allow itself free rein only in certain spheres, under certain conditions, there could be no capitalist production at all if it had to develop simultaneously and evenly in all spheres"¹⁶.

"... the average periods during which the fluctuations of market prices compensate each other are different for different kinds of commodities ... because with one kind it is easier to adapt supply to demand than with the other"¹⁷.

(13) Ver Dobb (1978) cap. IV.

(14) Ver Shaikh (1980a).

(15) Segundo Marx (1975), Vol.III, cap.X: "The price of production includes the average profit. We call it price of production. It is really what Adam Smith calls natural price, Ricardo calls price of production, or cost of production, and the Physiocrats call prix necessaire, because in the long run it is a prerequisite of supply, of the reproduction of commodities in every individual sphere".

(16) Mar (1968), parte II, cap.XVII.

(17) Marx (1982).

O segundo tipo de movimento regulatório diz respeito ao ritmo global do processo de acumulação de capital e às variáveis condicionantes do mesmo: o progresso técnico, a composição orgânica do capital, o volume de investimentos e de lucros, a taxa (média) de lucro, a superprodução absoluta.

É necessário, portanto, diferenciar o tipo e a natureza da crise inserida nos dois tipos de movimentos regulatórios, de modo a que, inclusive, se possa pretender articulá-los, posteriormente, dentro da teoria da acumulação de capital. Este objetivo de articulação dos dois níveis pode, eventualmente, ter sido o que Hilferding (1981) pretendeu sugerir quando formulou (p.261) a pergunta sobre de que maneira as tendências contraditórias que levam ao aumento da demanda, preços e lucros, e à queda na taxa de lucro, se afirmam na e através da concorrência. Como veremos mais adiante, entretanto, esta questão está mal formulada.

No capítulo XVII, "Ricardo's theory of accumulation and a critique of it (The very nature of capital leads to crises)", da parte II, das Theories of Surplus-Value, Marx diferencia as crises gerais e de superprodução absoluta, das crises parciais e de superprodução relativa. As crises gerais representam uma concentração no tempo, uma erupção coletiva e um ajustamento violento de todas as contradições da economia capitalista, inclusive das contradições inerentes a circulação do capital.¹⁸ Nestas crises gerais, entretanto, a contradição dominante consiste em que, por um lado, o modo de produção capitalista envolve uma tendência na direção do desenvolvimento absoluto da produtividade do trabalho,

(18) Ver Marx (1968), parte II, Cap.XVII, especialmente pp.510 e 534. Por razões de espaço, uma apresentação da lei da tendência ao declínio da taxa de lucro não será realizada neste momento. Para uma discussão recente sobre a mesma ver Hodgson (1974) Rosdolsky (1977), Itoh (1980) e Shaikh (1978, 1980a e 1980b).

independentemente do valor e do valor excedente que as mercadorias contenham e das condições sociais sob as quais a produção capitalista se realiza; enquanto que, por outro lado, seu objetivo é preservar o valor do capital existente e promover a sua máxima autoexpansão. Esta contradição, que se expressa na lei da tendência à queda da taxa de lucro, contém os fatores que tornam o sistema progressivamente enfermo e estruturalmente debilitado, propiciando assim que fenômenos parciais - desproporções na esfera produtiva, perturbações financeira etc. - possam vir a manifestar-se simultaneamente à superprodução absoluta e às crises gerais.

Marx afirma que crises parciais podem surgir a partir da produção desproporcional, quando demasiado é produzido em certas esferas de atividade e produção insuficiente ocorre em outras esferas. Uma forma geral desta produção desproporcional pode ser o excesso relativo de produção de capital fixo, ou o excesso relativo de produção de capital circulante. Não se deve perder de vista, entretanto, que a produção proporcional é sempre o resultado da produção desproporcional, tendo como base deste processo a concorrência entre capitais. Estas crises parciais não constituem, por outro lado, o objeto da análise da superprodução absoluta do capital.

"However, we are not speaking of crises here in so far as it arises from disproportionate production, that is to say, the disproportion in the distribution of social labour between the individual spheres of production. This can only be dealt with in connection with the competition of capitals. In that context it has already been stated that the rise or fall of market-value which is caused by this disproportion, results in the withdrawal of capital from one branch of production and its transfer to another, the migration of

capital from one branch of production to another. This equalisation itself however already implies as a precondition the opposite of equalisation and may therefore comprise crisis; the crisis itself may be a form of equalisation. Ricardo, etc. admit this form of crisis"¹⁹.

Marx refere-se às crises de desproporção também na parte III ("The reproduction and circulation of the aggregate social capital") do Vol.II do Capital²⁰ e aborda novamente o tema, de maneira específica, no último capítulo da parte II ("Conversion of profit into average profit") do Vol.III, do Capital:

"It has been said that competition levels the rates of profit of the different spheres of production into an average rate of profit and thereby turns the values of products of these different spheres into prices of production. This occurs through the continual transfer of capital from one sphere to another, in which, for the moment, the profit appears to be above the average. The fluctuation of profit caused by the cycle of fat and lean years succeeding one another in any given branch of industry must, however, receive due consideration. This incessant outflow and inflow of capital between the different spheres of production creates trends of rise and fall in the rate of profit, which equalise one another more or less and thus have a tendency to reduce the rate of profit everywhere to the same common and general level... Yet with respect to each sphere of actual production ... industry, agriculture, mining, etc... the transfer of capital from one sphere to another offers considerable difficulties, particularly on account of the existing fixed capital"²¹.

Neste sentido, fica claro que as referências de Hilferding à necessidade da uniformidade do movimento dos preços das diferentes mercadorias e, portanto, da estabilidade dos preços relativos de modo a evitar as desproporções representam um equívoco. Aliás, a própria desigualdade no movimento da composição orgânica

(19) Marx (1968), parte II, cap.XVII, p.521.

(20) Marx (1975), Vol.II, por exemplo, na p.469.

(21) Marx (1975), Vol.III, p.208.

ca do capital dos diferentes setores, discutida por Hilferding, implica na existência de contínuas alterações dos preços relativos. Esta condição de uniformidade só é válida quando do exame das condições formais do processo de reprodução e de circulação do capital como um todo. Os esquemas de reprodução foram concebidos por Marx num elevado nível de abstração, ignorando propositadamente, portanto, muitas das características da realidade do capitalismo, tais como a taxa média de lucro, os preços de produção que divergem dos valores, o comércio exterior, etc. Pretender que o não preenchimento da condição de uniformidade no movimento dos preços representa per se um elemento causador da crise de desproporção, representa desconhecer o próprio mecanismo através do qual as proporções são alcançadas, isto é, que a proporcionalidade entre as diferentes esferas de produção surge do processo de contínua desproporcionalidade, em base à concorrência entre capitais. Este equívoco ocorre de pretender aplicar mecanicamente as conclusões derivadas da formulação abstrata dos esquemas de reprodução diretamente na análise de processos bastante concretos ocorrendo no mundo real da produção capitalista.

Um equívoco análogo está presente no argumento de Hilferding (1981) quando afirma (p.256) que a produção capitalista poderia estender-se indefinidamente, desde que as proporções corretas entre as diferentes esferas de produção fossem mantidas. Tem razão, assim Rosdolsky (1977), quando afirma que Hilferding "looked for concrete proof of the unlimited economic viability of the capitalist form of economy in these very same schemes", os quais ele (Hilferding) "knew, of course, were conceived at the highest level

of abstraction and therefore ignored many key features of capitalist reality..."²²

Por sua vez, o desdobramento da análise de Hilferding, no capítulo 17, pp.261-266, quando aponta os fatores que intervêm na operação do sistema de preços e provocam as crises de desproporção, anteriormente mencionados no item 2 deste trabalho, estão já presentes na análise de Marx do movimento regulatório dos preços de (re)produção. Afirmar, porém, que "Marx considerava como elementar... que uma crise geral e a superprodução podem resultar da perturbação parcial do processo de produção e circulação"²³, como quer Sweezy, representa uma imprecisão com respeito à concepção de Marx referente à articulação entre as crises parciais e a crise geral. Além disso, constitui um enfoque unilateral afirmar que Marx teria simplesmente negado validade à teoria das desproporções, conforme afirma Sweezy (1976) na p.190. Marx havia buscado, isto sim, demonstrar que as crises de desproporção são crises parciais, restritas, e que não refletem os obstáculos absolutos à produção capitalista impostos pelo próprio capital. Além disso, Marx esforça-se por apresentar o nível específico de análise no qual o conceito de crises de desproporção é relevante, nível este que deve ser articulado analiticamente às crises gerais de superprodução absoluta. No item 14, do cap. XVII, da parte II das Theories of Surplus Value, Marx apresenta uma discussão específica sobre estas questões, à qual nos referiremos no que segue.

(22) Rosdolsky (1977), p.451.

(23) Sweezy (1976), p.186.

5. Em torno à articulação entre os dois tipos de crise
(a título de conclusão)

Rosdolsky (1977), p.485 e nota 108 à p.486, afirma que a teoria da crise de Hilferding representa meramente uma outra versão da teoria de Ricardo sobre as crises e que, nos seus aspectos fundamentais elas são coincidentes. Através do exame deste ponto, algum esclarecimento em torno à articulação entre os dois tipos de crise deverá surgir.

Na concepção de Ricardo a superprodução geral, isto é, a superprodução em todas as atividades produtivas simultaneamente, é obstaculizada pelo "equilíbrio metafísico de compras e vendas"²⁴. Este obstáculo é idealizado a partir da negação da possibilidade da crise, isto é, da negação da existência das condições gerais e de uma estrutura básica dentro da qual a crise possa ocorrer. Em termos mais específicos, este obstáculo deriva de considerar o dinheiro como um simples meio de troca, um instrumento através do qual o intercâmbio é realizado, deixando de tomar em conta o fato de que o dinheiro é ao mesmo tempo o meio através do qual o intercâmbio é dividido em dois atos - a compra e a venda - independentes entre si, separados no tempo e no espaço. E que, portanto, a pessoa que realiza a venda não está obrigada a comprar novamente e pode diferir no tempo a retransformação do dinheiro em mercadorias. Uma segunda possibilidade da crise, também negada pelo

(24) Ver Ricardo (1978), cap.XXI e Marx (1968), parte II, cap.XVII. "Ricardo's statements here are also based on James Mill's proposition on the 'metaphysical equilibrium of purchases and sales', which I examined previously -- an equilibrium which sees only the unity, but not the separation in the processes of purchase and sale"; Marx (1968), pp.503-504.

"equilíbrio metafísico de compras e vendas", deriva da função do dinheiro como meio de pagamento de dívidas. Esta possibilidade torna-se proeminente à medida em que o crédito comercial e a intermediação financeira se desenvolvem. Se a cadeia de devedores se rompe em certos pontos decisivos, a incapacidade de honrar com promissos tende a generalizar-se, interrompendo assim a circulação do capital. Finalmente, a concepção de Ricardo se traduz na negação da possibilidade da crise num terceiro plano, onde as duas possibilidades antes mencionadas recebem um novo conteúdo. Trata-se do processo de reprodução do capital como um todo, que coincide com a sua circulação, e no qual o papel do gasto agrega do (demanda efetiva) assume uma significação decisiva para a definição do valor do fluxo de produção total.²⁵ Quando consideramos o movimento do capital desde o momento em que termina o processo de produção na forma de mercadorias para transformar-se posteriormente em capital-mercadorias a ser utilizado num novo ciclo produtivo (C'-M'.M-C), a separação da compra e da venda se manifesta em que a transformação em dinheiro nos capitais que estão na forma de mercadorias depende de e deve corresponder à retransformação de outros capitais da forma de capital-dinheiro em capital-mercadorias. Este entrelaçamento e união dos processos de reprodução e circulação dos diferentes capitais é necessário, dada a divisão social do trabalho, mas, por outro lado, é acidental e depende da soma das decisões individuais dos capitalistas.

(25) "The general possibility of crises is the formal metamorphosis of capital itself, the separation, in time and space, of purchase and sale. But this is never the cause of the crisis. For it is nothing but the most general form of crisis, i.e. the crisis itself in its most generalised expression. But it cannot be said that the abstract form of crisis is the cause of crisis. If one asks what its cause is, one wants to know why its abstract form, the form of its possibility, turns from possibility into actuality". Marx (1968), p.515.

Ricardo, por outro lado, admite que possa existir o excesso de produção de certos produtos, uma superprodução relativa ou parcial. Entretanto, esta superprodução parcial não é de molde a transformar-se numa superprodução geral, isto é, a superprodução em algumas esferas não tende a produzir a superprodução em outras esferas, e assim por diante. Esta forma de crise é aceita por Ricardo, na medida em que reconhecendo a divisão social do trabalho e a interdependência entre as várias atividades privadas, admite a necessidade da obtenção de ajustamentos contínuos a se rem processados mediante a concorrência entre capitais e alterações dos preços relativos.

A teoria da crise em Hilferding tem por ponto de partida justamente a discussão sobre as condições gerais da crise e as várias formas que a possibilidade da crise assume (cap.16 de O Capital Financeiro). Além disso, na versão da teoria em que as desproporções são a causa da crise, a superprodução relativa e a crise parcial constituem apenas o ponto de partida cuja resultado é a crise geral. Por outro lado, na concepção alternativa das causas da crise, Hilferding sutilmente sugere que as desproporções são o elemento sem o qual as tendências de longo prazo localizadas no processo de valorização do capital não poderiam se manifestar. De qualquer modo, portanto, em Hilferding as crises parciais de desproporção são sempre um elemento da crise geral, ao contrário do que ocorre na teoria de Ricardo.

O que, portanto, cabe discutir é a relação entre crises parciais e crises gerais. Na sua segunda concepção, apesar de apresentar as crises parciais subordinadas às tendências à crise geral

derivadas do movimento da taxa de lucro, Hilferding difere de Marx, para quem é necessário diferenciar (de novo) dois tipos de superprodução relativa, somente distinguíveis quando consideramos a própria diferença entre superprodução absoluta e superprodução relativa.

"That is why Ricardo admits that a glut of certain commodities is possible. What is supposed to be impossible is only a simultaneous general glut of the market. The possibility of overproduction in any particular sphere of production is therefore not denied. It is the simultaneity of this phenomenon for all spheres of production which is said to be impossible and therefore makes impossible (general) over-production and thus a general glut of the market. (This expression must always be taken cum grano salis, since in times of general over-production, the over-production in some spheres is always only the result, the consequence, of overproduction in the leading articles of commerce, (it is) always only relative, i.e. over-production because over-production exists in other spheres)²⁶.

Portanto, para Marx, existe superprodução relativa associada às crises parciais de desproporção e superprodução relativa associada às crises gerais de superprodução absoluta, as quais, por sua vez, têm início na superprodução dos "principais artigos do comércio". Segundo Marx, portanto, o que ocorre é que em períodos de superprodução absoluta, que tem início na superprodução relativa dos "principais artigos do comércio", as crises parciais de superprodução relativa, também podem se manifestar. Ocorreria, então, nestas circunstâncias uma superprodução (relativa) dentro da superprodução (absoluta)²⁷. As crises de superprodução absoluta, entretanto, não dependem, nem como fator causador, nem como instância transiente para sua manifestação à nível da concorrência, das desproporções e da superprodução relativa, como quer Hilferding.

(26) Marx (1968), p.592

(27) Marx (1968), pp.530-531

Finalmente, e para concluir este texto, cabe levantar duas questões preliminares sobre o aspecto específico do efeito dos monopólios sobre as desproporções e as crises. Este ponto nos remete, de fato, para uma discussão mais ampla sobre a relação entre a queda da taxa de lucro e os monopólios,²⁸ a ser realizada posteriormente.

Em primeiro lugar, a formação de cartéis e trusts está associada ao estabelecimento de barreiras à entrada de novos investidores, o que seria de molde a restringir a tendência à superprodução relativa. Por outro lado, o argumento de Hilferding parece pressupor algum tipo de incapacidade do capitalista, e em particular, do grande empresário, em prever aumentos de capacidade e, portanto, de diferenciar uma defasagem conjuntural de uma efetiva e mais permanente restrição na capacidade de oferta. Como base para uma teoria das crises gerais, este argumento seria, no mínimo, demasiado estreito e frágil.

(28) Ver, por exemplo, Steindl (1983) e Baran e Sweezy (1966).

Bibliografia

- Baran, P.A. and Sweezy, P.M. (1966), Monopoly Capital, New York and London, MR Press
- Dobb, M. (1978), Economia Política e Capitalismo, Rio de Janeiro Graal
- Hilferding, R. (1981), Finance Capital, London, Boston and Henley Routledge & Kegan Paul
- Hodgson, G. (1974), "The Theory of the Falling Rate of Profit", New Left Review, 84
- Itoh, M. (1980), Value and Crisis, New York and London, MR Press
- Kenway, P. (1980), "Marx, Keynes and the possibility of crisis", Cambridge Journal of Economics, 4, 23-36
- Mandel, E. (1970), Marxist Economic Theory, New York and London, MR Press
- Marx, K. (1968), Theories of Surplus-Value, Moscow, Progress Publishers
- (1975), Capital, New York, International Publishers
- (1982), "Salário, Preço e Lucro", em Marx, K. e Engels, F. Obras Escolhidas, São Paulo, Alfa-Omega
- Mattick, P. (1977), Crisis y Teoria de la Crisis, Barcelona, Ediciones Península
- Ricardo, D. (1978), Princípios de Economia Política e de Tributação, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Rosdolsky, R. (1977), The Making of Marx's 'Capital', London, Pluto Press
- Shaikh, A. (1978), "An Introduction to the History of Crisis Theory", in URPE, U.S. Capitalism in Crisis, New York (tradução publicada na revista Ensaio FEE-Fundação de Economia e Estatística, Ano 4. Nº 1, Porto Alegre, 1983).

- (1980a), "Political Economy and Capitalism: Notes on Dobb's Theory of Crisis", in Department of Economics, Graduate Faculty, New School for Social Research, Political Economy at New School, New York
- (1980b), "Marxian competition versus perfect competition: further comments on the so-called choice of technique", Cambridge Journal of Economics, 4
- Steindl, J. (1983), Maturidade e Estagnação no Capitalismo Americano, Rio de Janeiro, Graal
- Sweezy, P.M. (1976), Teoria do Desenvolvimento Capitalista, Rio de Janeiro, Zahar